

Segunda-feira 9 de janeiro de 2012 07h30 [GMT+ 1]

NÚMERO 124

Eu não teria faltado um Seminário por nada desse mundo— PHILIPPE SOLLERS
Nós ganharemos porque não temos outra escolha — AGNÈS AFLALO

www.lacanquotidien.fr

Lacan Quotidien



· A ROSA DOS LIVROS.
por Nathalie Georges-Lambrichs

Philippe Sollers, *L'éclaircie*

Sollers, oficina

« *Quem é você, para ser mais eu que eu ?* » (p. 57)



· A criança que vem · **Uma certa educação para ser sustentada** *por Éric Zuliani*



· A ROSA DOS LIVROS ·

por Nathalie Georges-Lambrichs

Philippe Sollers, *L'éclaircie*, Paris, 2012, Gallimard, 236 páginas, 17,90 (e)



Sollers, oficina

« *Quem é você, para ser mais eu que eu?* » (p. 57)

O espaço que nos abre este livro é um leque, mas que comporta também dias.

Vê-se passar ali os rostos e os corpos de Anne em todas as idades, Anne a irmã do narrador, em idas e vindas, tanto mais leve ou grave e presente quanto multiplicada: aninhada na memória tão esparsa como precisa, onde o narrador a colhe na ponta de suas fantasias ou de seus sonhos, e recolhida a seu avatar, Lucie a viva, a ardente mulher cujo gosto pelo narrador e a sutilidade discreta animam a *camera oscura*, envelope do *L'éclaircie*, caixa de ressonância de nada menos que o tesouro do quadro. Aí, são principalmente Manet e Picasso que se fazem ver, e ler e escutar, pintando como eles amam, um, o outro ou o narrador, o primeiro sabendo, um após o outro, condensar «uma tal intensidade de ausência» (p. 92) ou «convocar todos os sentidos ao mesmo tempo, captar o olhar, evocar o ar, desencadear a vontade de tocar [...]» (p. 157), o segundo «a loucura e a destruição crescentes nos rostos» (p. 86), escolhendo sempre «o que há de mais profundo, a superfície, o encontro, a vibração, o vazio, o brilho, o instante» (p. 87) contra o universo, «O multiverso» (p. 86), faz não somente toques, mas músicas que atravessam a partitura da leitura e compõe com ela o sob medida para o leitor-auditor-amador.

O negro claro

Eu pinto, diz o narrador, que não faz mistério de seus fundos negros. De fato, há dois negros : o sinistro comum, o « falso negro » da cabeça de obsidiana de Malraux (p. 220) e o vivo, o negro da noite das ameixas andaluzas, o negro claro (p. 59). «O negro, portanto, como luz, em uma bonita viúva, uma bonita irmã» (p. 25), aquela que «Um dia de chuva, na varanda, me diz, de repente: « você, você estará sempre sozinho » » (p. 190). «Ela tinha razão, escreve ele, eu estou sozinho, mas com sua sombra» (*ibid.*)

Há muito tempo que Sollers é ligado ao papel – «Amo o papel, essa cana do Egito [...] o papel *respira*, é preciso inventar para si uma orelha para escutá-lo» (p. 41) –, com tinta, traço, pena e pincel, aliados ao sol – o que a criança fixa, e está longe de se perder em suas retinas – medíocre catástrofe anunciada – são mil sóis negros que se chocam. «No fundo, é simples:

chega-se, ou não, a jogar, até o fim, sua infância. Um buquê de violetas basta.» (p. 27) Ainda é preciso pintá-lo, respirá-lo e dizê-lo : «já que a vida é um romance» (p. 143), ela tem tramas que vão com o dizer verdadeiro, que tem respeito à exatidão do nome ao qual estamos fichados, identificados, filmados, curto-circuitados, ou melhor : que ultrapassa esta, reduzindo-a ao espaço quadriculado no qual os policiais do delegado de polícia não encontrarão nunca nada além do que aquilo que eles mesmos tinham pensado em dissimular: uma ficha antropométrica, cuja instantaneidade não abolirá jamais o avesso, a saber : o retrato.

« Ninguém se desloca no negro com Manet, donde suas cores. » (p.177)

« *Vejo apenas pessoas que não têm nada a me ensinar* » (p. 33)

Ele não se demora sobre o diagnóstico que traz sobre o estado de sua época, a nossa, que ele supõe atormentada por um agravamento constante, desde o Terror, constança que falseia todo cálculo, ignora a parte do dado, do golpe, da aposta – é sobre esta palavra aposta que o livro vai se fechar.

O abandono da História pode ir até «uma inatenção com todos os instantes» (p.82), o esquecimento do esquecimento, é dito (p. 39). O que vale, então, senão Manet e «essa mulher-aí, alcançada, a cada vez, em seu ser ignorado dela mesma, ali» (p.84-5), senão os quadros, os livros consumados?, não, mas ainda se fazendo, ali : «O que se diz? Um engraçado *eu* que *diz*. » (p. 179)

«Alegremo-nos». É o sésamo que preludia o encontro amoroso e seus espaços: o amor em dois tempos, primeiro, dos corpos apaixonados mergulhando na espreita e o gosto e a atração que eles têm um pelo outro, depois a conversação rolando sobre « outra coisa ». O oninspetor (p. 147) – formado por Picasso que foi o primeiro a merecer este título – vela e sonha, entre várias existências. « “Esteja em estado de tradução instantânea ” ! » (p. 27), ele proclama. É que « Os livros se leem eles mesmos » e « os quadros apagam aqueles que não o veem » (p. 43).

Et nunc Manet. *Nu/um: o palíndromo por excelência*

Assim passam, nos dias, ditos, essas partículas que se repousam e se atraem, e se condensam em solidificações de querer dizer:

« Picasso em 1966 :

“Eu quero *dizer* o nu. Não posso fazer um nu como um nu. Quero somente *dizer* seio, *dizer* pé, *dizermão*, ventre. Encontrar o meio de *dizer*, e isso basta. [...] Uma só palavra basta quando se fala disso. Aqui, um só olhar e o nu te diz o que ele é, sem frases . » (p. 180)

« [...] um quadro de gênio, mesmo o mais vestido, é um nu».

Que se torna, então, a tensão entre *tacere* e *silēt*, nessa aliança entre o amor à primeira vista e a noite que se fomentou no fundo dos olhos? Ela não resistiria, seriam « os deuses [que] aqueles que olham para o interior, no clarão do que vem em presença » (Heidegger, *Parmênides*). Não são os deuses, lá em algum oriente, que substituem o discurso, que se sustenta por ser sem palavras? Não é apenas aí, que os deuses – *sive les dieures* – se mantêm « por um interior sem idade» (p. 185) ?

Vita longa

A vida se estende no fio dos acasos que, pela direita e pela esquerda, tramam e distribuem os destinos, os manuscritos e os livros, os objetos que têm uma alma e as palavras « irradiadas sobre fundo de nada » (p. 216). As linhas se emancipam da trama do romance, divagam como os fios elétricos, se enrolam no império da grande velocidade, reforçando a imobilidade do olhar que os vê sem poder os olhar. Picasso, um genial jesuíta, Gongora, não tem razão para essa vida de Anne, a irmã além da vida, «sobre um divã noturno, é tudo» (p. 229). Os quadros nos contemplam, o narrador – mas não é o escritor, além do mais, sincero ? – pintor invisível, se prepara para prosseguir sua vida extrema, tal como seus manuscritos escoltados para a China por Lucie, que soube negociá-los admiravelmente, envolvendo-o, lhe prometendo uma outra gestação e novas aventuras.

« nunca se está muito armado»... para se evadir? (p. 171)

Tem mil anos. Nenhum risco de fixá-lo ou cerceá-lo. A chinesa que o amará é culta, musicista e séria, pois tal é seu desejo, mais ainda e além, de ser lido.

Fotografia n°1 – Philippe Sollers por Sophie Zhang
Fotografia n°2 – Pablo Picasso. Violão ‘Bela Eva’



· A CRIANÇA QUE VEM ·

Uma certa educação para ser sustentada por **Éric Zuliani**

No ITEP (Instituto Terapêutico, Educativo e Pedagógico) onde eu trabalho, escuto dizer às vezes que hoje os jovens não são, decididamente, aqueles de ontem. Tais afirmações fazem eco ao ruído midiático sobre esse sujeito de quem se grita: « Não tem mais limites! » Esse ponto de vista dá tacitamente um prêmio aos inibidos e quer ignorar que, estruturalmente, a inibição é equivalente à passagem ao ato : essas mídias relatam então, com toda ignorância da clínica, que tal jovem, assassino, não queria, entretanto, falar dele...

Em **Medos de crianças¹**, Jacques-Alain Miller toma uma perspectiva bem diferente e **convida a interrogar isto que, em cada caso, pode ser violento para uma criança**. Recebendo a mãe de um jovem acolhido no ITEP, ela fala sobre o abismo que se abriu para ela desde que um praticante lhe disse : « Seu filho é muito inteligente, sedutor, um pouco manipulador, agressivo e ladrão » - e o sofrimento do qual seu filho dava sinal, desde já há vários anos : para ela, era bem a sede de algum tormento que, por ser invisível, não era menos real.

Manifestamente, o praticante não tinha lido o conferência de **D. Winnicott**, sustentando nos anos 60: « **A delinquência, signo de esperança** », nem mesmo o livro de **August Aichorn**, **Jovens em sofrimento**, que reuni conferências dos anos 20. Essas leituras, entretanto, têm do que nos desviar resolutamente de toda perspectiva passadista, da evocação de um tempo mais tranquilo e das velhas receitas do papai em matéria de exercício do poder. Essas lacunas de leitura têm como consequência : um desconhecimento dos efeitos das mudanças da própria ordem simbólica, que a AMP estudará no seu próximo Congresso.

Pode-se aconselhá-los a ler, particularmente, o capítulo que Aichorn intitula « **Os agressivos** ». O autor fala aí de um grupo constituído de jovens que não podiam se manter no seu próprio grupo. « Tratavam-se de crianças que se entregavam às mais graves agressões, ou seja, os casos mais difíceis. Desenrolavam-se, frequentemente, de uma forma radicalmente súbita, cenas de

escândalo inacreditáveis. Não era raro vê-las se precipitar umas sobre as outras com facas de mesa, jogar na cabeça dos outros xícaras de chocolate ou pratos de sopa. O próprio lençol foi usado para acender um fogo, servindo de arma ofensiva. » [Aichorn observava que, nesse grupo, reina um só afeto – o da cólera -, opta, contra a opinião de seu pessoal, por um tratamento pela doçura](#), notando que, « se os educadores aplicam uma disciplina severa, eles farão como aqueles com os quais as crianças estão em conflito ».

Eu resumo o processo que detalha Aichorn, onde ele se implica pessoalmente, durante vários meses, junto a esse grupo, com duas educadoras voluntárias que, esgotadas, serão substituídas por dois outros. O tratamento pela doçura consiste em « atividades contínuas e jogos frequentes a fim de prevenir as agressões e de entrevistas continuadas com cada indivíduo. Os educadores deveriam não opor nenhuma resistência às crianças e, se eles não conseguissem isso, eles tinham que moderar com doçura suas resistências. Por exemplo, se uma das crianças queria fazer alguma coisa que saía do quadro da ocupação em curso, eles autorizavam-na, « sem perguntar por que » ; sua divisa era : « Tanto quanto possível, deixar fazer ». (...) Era preciso unicamente evitar um « desastre ». Longe de ser um paraíso, nesse grupo dito « dos agressivos » se multiplicaram as agressões, mas também os primeiros sinais do mal-estar de certos jovens que começavam a buscar um canto tranquilo.

Aichorn fez um trabalho análogo àquele de Bion, encarregado de cuidar dos *dullards* durante a segunda guerra mundial ; ele apostou no limite interno ao processo de um grupo sem chefe, mas não sem libido. Aposto justa, na prática de um e de outro : acontece, num dado momento, no dito grupo uma reviravolta, que tem uma cena exemplar : « Na minha presença, uma criança se precipitou sobre outra ameaçando com uma faca, colocou a faca na sua garganta, gritando : « Cachorro, vou te furar ! » Fiquei calmo, sem tomar partido na defesa, sem nem mesmo tomar ciência do perigo no qual o outro parecia se encontrar. A pseudo-agressão e logo a ausência de perigo eram muito claras. »

O elemento clínico do registro do « pseudo » assinala a reviravolta de Aichorn; e *a fortiori* o fato de que a criança cai em prantos. Em cada uma das doze crianças do grupo pode se desenvolver uma extrema sensibilidade, não reduzida somente à cólera.

Deixo ao leitor descobrir os efeitos de tal atenção minuciosa e as invenções educativas a que ela induz. [Lacan, leitor de Aichorn, para sua comunicação sobre as funções da psicanálise em criminologia, indicava isto : « Educação que é, antes, uma dialética viva, segundo a qual o educador, através do seu não-agir, leva as agressões próprias ao eu a se ligarem para o sujeito, alienando-se em suas relações com o outro, para que ele possa então desligá-las através das manobras da análise clássica.](#) E, certamente, a engenhosidade e a paciência que admiramos nas iniciativas de um pioneiro como Aichorn não fazem esquecer que sua forma tem que ser sempre renovada, para superar as resistências que o grupo agressivo não pode deixar de manifestar contra qualquer técnica aceita. Tal concepção da ação « correccional » opõe-se a tudo que pode inspirar uma psicologia que se rotula de genética, a qual, na criança, só faz medir suas aptidões decrescentes para responder às perguntas que lhe são feitas no registro puramente abstrato das categorias mentais do adulto, e que basta para derrubar a simples apreensão do fato primordial de que a criança, desde suas primeiras manifestações de linguagem, se serve da sintaxe e das partículas de acordo com nuances que os postulados da *gênese* mental só deveriam permitir-lhe atingir no auge de uma carreira de metafísico. » (p. 144 dos *Escritos*).

1. Medos de crianças, trabalhos recentes do Instituto psicanalítico da Criança, Paris, coleção da petite Girafe, Navarin, 2011. Nas livrarias desde 3 de janeiro de 2012.

LacanQuotidien.fr

por Victor Rodriguez

#Vamos > anúncio

>> **Conferência de Philippe Sollers, De Manet à Picasso : l'Éclaircie**
Colégio dos Bernardins, 18-24 rua de Poissy 75005 Paris, conferência do
departamento de pesquisa « a fala da arte »

Segunda, 23 de janeiro de 2012, das 19h30 às 21h.

#Babel>Inglês

>> **A criança que vem**

O Indígena de Eric Zulliani, traduzido por Francine Danniau. *Texto original: L'indigène de Eric Zulliani publicado no Lacan Cotidiano n°110.*

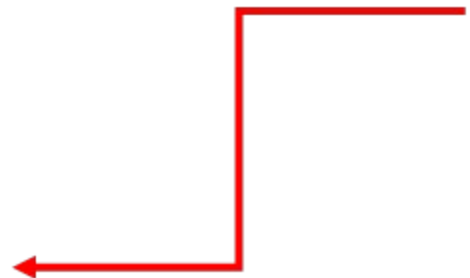
“Jacques-Alain Miller, anunciando o tema da próxima Jornada do Instituto da Criança em sua intervenção de 19 de Março de 2011, deu ênfase a um certo tipo de saber, no qual a dinâmica escondida era, de fato, a manifestação de um poder. Seguindo a descoberta Freudiana da sexualidade infantil, ele deu lugar a um outro tipo de saber, um autêntico, ele especifica, um saber que, de acordo com Freud, está enraizado na pulsão ».

>> **O saco de ossos**

Os entrelaços da encarnação de **Éric Laurent**, traduzido por **Yannis Grammatopoulos, Anna Pigkou, Dimitris Alexakis**. *Texto original : L'Entrelacs de l'Incarnation de Eric Laurent, publicado no Lacan Cotidiano n°96.*

“É outono. Em breve, será inverno. E aqui estamos nós outra vez na Tahrir Square. Vinte e oito pessoas morreram durante três dias de conflitos nas ruas que levam ao Ministério do Interior. Apelos para uma “Manifestação de Milhões de Homens” (“Million Men March”), como aconteceu certa vez no National Mall em Washington, puderam ser ouvidos. Quem está no comando desses apelos? Ninguém sabe exatamente. Dizem que são “os ativistas”. Ontem vimos uma entrevista de um manifestante ativo, um corajoso “shebab”, que tinha treinado como líder da torcida de futebol. Parece que ele está apoiando uma briga em prol dela, contra a polícia, no espírito do Paris Saint-Germain futebol clube de outra época. Uma “blogueira e ativista” que vive na França denunciou esta manhã, os crimes que têm ocorrido em nome do Conselho Militar. Uma outra peculiar “blogueira nua” demanda um determinado feminismo. Os manifestantes da Tahrir Square são sufocados e atingidos diretamente nos olhos. Deploramos os blogueiros cegos. Quem são eles?”

• Just one minute, again...



ECF-messenger nos informa:

Aulas e noitadas na Rua Huysmans

Quinta-feira, 12 de janeiro de 2012 às 21 h 15

« A topologia é o real »

Noite animada por Pascal Pernot e Pierre Skriabine

Nós continuaremos com a invenção requerida por cada sujeito quanto a sua maneira de manter junto Real, Simbólico e Imaginário, para fazer consistir uma realidade, certamente inexistente, mas, no entanto, necessária, e, se inscrever no laço social.

Os interventores dessa noite, todos dois na origem de iniciativas institucionais, onde os riscos de desanodamento desse laço, tanto como as tentativas de sua re-amarração, são surpreendentes em sua urgência. Eles nos apresentarão casos clínicos esclarecendo o trabalho de criação que se emprega ali.

Fabien Grasser, com « **Empreendedor de sua obra** », mostrará como um sujeito faz de sua obra um negócio incessante de enodamento.

Catherine Meut, com « **Litoral e escritura do corpo** », apresentará o caso de um sujeito também artista, que se serve do desenho como escritura do corpo, dando-lhe assim consistência.

☞ Atenção autores

As proposições de textos para publicação no Lacan Quotidien são endereçadas por mail ou diretamente pelo site lacanquotidien.fr clicando sobre "proposez un article",
Arquivo Word ▫ Fonte : Calibri ▫ tamanho das letras : 12 ▫ entrelinha : 1,15 ▫ Parágrafo : justificado ▫ Nota de pé de página : mencionar no corpo do texto, no final deste, fonte 10 ☞

Lacan Quotidien

Publicado por navarin editor

INFORMA E REFLETE 7 DIAS SOBRE 7 A OPINIÃO ESCLARECIDA

▪ comitê de direção

presidente **eve miller-rose** eve.navarin@gmail.com

difusão **anne poumellec** annedg@wanadoo.fr

conselheiro **jacques-alain miller**

redação **kristell jeannot** kristell.jeannot@gmail.com

▪ equipe do Lacan Quotidien

membro da redação **victor rodriguez** [@vrdriguez](https://twitter.com/vrdriguez) (sur Twitter)

designers **viktor&william francboizel** vwfcbzl@gmail.com

técnica **mark francboizel & family**

lacan e livrarias **catherine orsot-cochard** catherine.orsot@wanadoo.fr

mediador **patachón valdès** patachon.valdes@gmail.com

▪ seguir Lacan Quotidien :

• ecf-messenger@yahogroupes.fr ▫ lista de informação das atualidades da escola da causa freudiana e de acf ▫ responsável : anne ganivet

• pipolnews@europsychoanalysis.eu ▫ lista de difusão da eurofederação de psicanálise ▫ responsável : gil caroz

• secretary@amp-nls.org ▫ lista de difusão da new lacanian school of psychoanalysis ▫ responsáveis : anne lysy e natalie wülfing

• EBP-Veredas@yahoogrupos.com.br ▫ uma lista sobre a psicanálise de difusão privada e promovida pela associação mundial de psicanálise (amp) em sintonia com a escola brasileira de psicanálise ▫ moderadora : maria cristina maia de oliveira fernandes

PARA LER OS ÚLTIMOS ARTIGOS NO SITE [LACANQUOTIDIEN.FR](#) CLIQUE AQUI.

TRADUÇÃO : ANA PAULA SARTORI

COLABORAÇÃO : M^ª CRISTINA MAIA FERNANDES (TRADUÇÃO DO INGLÊS)